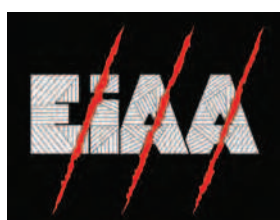


# ANTES DE ORELLANA

## Actas del 3er Encuentro Internacional de Arqueología Amazónica

Stéphen Rostain  
*editor*





© Instituto Francés de Estudios Andinos,  
UMIFRE 17, MAE/CNRS-USR 3337 AMÉRICA LATINA  
Av. Arequipa 4500, Lima 18, Perú  
Teléf.: (51 1) 447 60 70 Fax: (51 1) 445 76 50  
E-mail: [postmaster@ifea.org.pe](mailto:postmaster@ifea.org.pe)  
Página Web: <http://www.ifeanet.org>

Este volumen corresponde al tomo 37 de la Colección  
“Actes & Mémoires de l’Institut Français d’Études Andines” (ISSN 1816-1278)

**Antes de Orellana.  
Actas del 3er Encuentro Internacional de Arqueología Amazónica**

Stéphen Rostain editor

*Edición:* - Instituto Francés de Estudios Andinos  
- Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales  
- Embajada de EEUU

*Diseño:* Stéphen Rostain

*Diagramación:* Stéphen Rostain

*ISBN:* 978-9942-13-892-7

*Impresión:* Artes Gráficas Señal

Impreso en Quito, Ecuador, Mayo de 2014

## **Temporalidades enraizadas: manejo ambiental e construção social na Amazônia**

Juliana Salles Machado

*Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo*

Há décadas a ocupação da Amazônia vem sendo pensada através da relação entre humanos e ambiente. Como é conhecido, as perspectivas deterministas baseadas na disponibilidade de recursos conformaram a visão mais geral da Amazônia tanto sobre o passado como o presente. Apesar de não mais dominante, ela ainda está presente em algumas interpretações sobre as formas de ocupação pré-coloniais da região e é amplamente encontrada no chamado senso comum brasileiro. Poderíamos aqui listar as variantes desta visão que tem na sua base a idéia de que as sociedades humanas são condicionadas pela quantidade e tipo de recursos naturais disponíveis.

Muito esforço foi destinado ao levantamento das fontes de recurso no bioma amazônico, sendo as maiores discussões entorno da mandioca, do milho e mais recentemente das palmeiras. Tais fontes foram e em parte são ainda tratadas a partir da busca de *um* elemento essencial que serviria como base alimentar da sociedade amazônica pretérita. No entanto, apesar das inúmeras tentativas, nenhuma pesquisa foi conclusiva em indicar que estas sociedades estavam baseadas em apenas um elemento majoritário para sua subsistência. Ao contrário, o que temos visto na maior parte das vezes são as especificidades tanto regionais e micro-regionais, a variabilidade de recursos utilizados e a sazonalidade nas escolhas desses alimentos. Trata-se em grande parte de uma alimentação rica em diversidade de alimentos consumidos com variações sazonais e locais. Junto com mudanças no âmbito teórico-metodológicos, tais dados acabaram por re-orientar as pesquisas que atualmente se voltam para uma visão mais inclusiva de uso da biodiversidade amazônica, para focar na capacidade transformativa do engajamento entre humanos e este ambiente. Trata-se agora não mais de uma determinação condicionada pelo ambiente, mas na compreensão das diversas formas de relação entre os agentes (humanos e ditos “naturais”). Com esta visão

há uma retomada de projetos que se voltam ao ecossistema amazônico, agora em busca das formas de manejo desse ambiente. Nesta relação a ênfase vem sendo dada aos resultados deste manejo para a construção das paisagens. A quantificação e reconhecimento de espécies botânicas consideradas úteis, o reconhecimento paleo-botânico de plantas nos sítios arqueológicos, todos conformam elementos importantes para a conformação das chamadas florestas antrópicas. As transformações atingem também mudanças na micro-topografia da região, através de movimentações de volumes variados de sedimento (como os montículos encontrados na Amazônia central, os mounds encontrados no delta amazônico principalmente em Marajó, os aterros encontrados nesta mesma região, as valas da Amazônia central, os terraços das Guianas) e de água (como lagos, furos, contenções também documentados para o contato da Amazônia central, delta amazônicos e Guianas). Na arqueologia, estes indicadores de manejo ambiental tem sido interpretados principalmente como fontes de informações sobre três eixos: a) acerca dos aspectos econômicos e de subsistência (no que se refere, por exemplo, as fontes primárias de proteína e carboidrato e sua repercussão na densidade demográfica e formas de organização social), ou b) como indicador de diferenciação social (através, por exemplo, da discussão acerca da chamada complexidade social, chefias centralizadas, difusas ou alternantes), mas também c) por seu aspecto temporal (como indícios de antiguidade de ocupação). Trata-se, pois, do reconhecimento da dissolução dos elementos “naturais” e “culturais”, através em grande parte do reconhecimento de elementos do manejo da paisagem. Vemos aqui o reconhecimento do resultado “material”, das marcas deste processo que poderíamos chamar de simetrização entre cultura/natureza. A utilização de tais marcas, ou vestígios para usar um termo corrente na arqueologia, para discorrer sobre características próprias dos

contextos sociais implica dizer que estas operam nesta mesma lógica simétrica. No entanto é comum, na arqueologia, por vezes usarmos elementos da antropização da paisagem para falar sobre subsistência, complexidade social, etc. mantendo o ponto de vista ocidental de distanciamento conceitual entre aspectos culturais e naturais. Nossos modelos mantem esta visão distanciada, materialista, como “fonte de recursos”. Pouco se fala sobre o significado desta relação simétrica para estas ‘visões de mundo’ pretéritas e sua repercussão para as formas de organização social.

Este processo de antropização do mundo natural não é exclusivo da arqueologia e se tornou elemento chave do olhar de antropólogos, filósofos e muitos outros pesquisadores. Trilhando os caminhos das ontologias, na antropologia a dissolução da fronteira entre cultural e natural foi cedendo espaço aos multi- como os multinaturalismos e multiculturalismos. Nesta disciplina, buscou-se a compreensão das formas pelas quais estas esferas se relacionam. Meu intuito aqui não é dizer que a arqueologia deveria tratar as ontologias ameríndias pretéritas ao tratar as evidências de antropização da paisagem, mas buscar compreender melhor, a partir desta discussão antropológica e a partir das chamadas ontologias amazônicas, quais seriam as consequências em termos materiais desta relação. Se não há uma ruptura entre cultura e natureza, se humanos, plantas e animais estabelecem relações horizontais de parentesco, o que muda em relação a nossas interpretações sobre a paisagem, sobre padrões de assentamento, sobre formas de subsistência, sobre hierarquizações? Nada? São esferas distintas e isoladas?

Não pretendo aqui trazer as respostas destas perguntas, mas provocar a reflexão sobre estas questões. Gostaria de destacar alguns aspectos desta relação transformativa, principalmente relacionados aos significados simbólicos e sociais destes manejos e as repercussões a longo prazo que estas “novas” paisagens criam e recriam. Venho há algum tempo me incomodando com estas questões e neste ir e vir entre arqueologia e antropologia, usarei aqui o caso da ilha Caviana como um exemplo “bom para pensar”.

Através de um estudo de caso etnográfico oriundo do delta amazônico, proponho uma reflexão sobre a relação entre humanos e plantas, mais especificamente sobre o papel transformativo que as mulheres exercem neste

contexto. Relações simétricas e assimétricas entre seres humanos e não-humanos (aqui inclusos entes sobrenaturais, plantas, animais e lugares) tecem aqui um sistema social extremamente territorializado, enraizado na idéia de ancestralidade do conhecimento, pertencimento e uso da ‘terra’. Assim as práticas econômicas e sociais se misturam na criação constante de “continuidades” simbólicas entre pessoas, lugares e memórias enraizadas.

### **Um olhar sobre as plantas e a troca**

A manutenção do terreiro e do canteiro no entorno das casas ribeirinhas é fundamental no universo feminino. O plantio e o manejo das espécies vegetais fazem parte de um esforço coletivo das mulheres para imprimir certa permanência territorial à paisagem da ilha. Como permanência territorial me refiro a um processo de longo prazo de transformação e domesticidade<sup>1</sup> da paisagem, reconhecível socialmente ao longo de diversas gerações. A importância das plantas no contexto ribeirinho está intimamente ligada à temporalidade, ao pertencimento a um lugar já usufruído por parentes há muito tempo. Grande parte das plantas dos terreiros já estavam no local quando as famílias chegaram para construir sua casa. Mais do que isso, esse conjunto de espécies concentradas foi um critério para a escolha do lugar de moradia. Um levantamento das plantas no entorno das casas indicou um adensamento artificial de espécies consideradas úteis pelos ribeirinhos – valorizadas por determinadas funções: alimentar, como as árvores frutíferas e as que atraem caça; fornecer matéria-prima como palha e madeira; decorar a casa, como as flores, ou pertencer ao mundo encantado, como as inúmeras ervas que lhes dão proteção e lhes fornecem remédios.

As atividades das mulheres no entorno da casa consistem principalmente em manter essa diversidade, evitando a invasão de espécies não desejadas. Além das que encontram no lugar, outras plantas são introduzidas, como café, laranja, flores e remédios, entre muitas outras. Os canteiros suspensos já foram estudados por alguns autores (Murrieta & WinklerPrins 2006, 2003), sobretudo como fonte de temperos e remédios, mas diferente destes autores, nesta pesquisa enfoquei as formas de circulação das plantas (alimentos e remédios), sua relação com o parentesco e seu papel na formação de um sentido de territorialidade. O resultado dessa abordagem levou a um aspecto

pouco enfatizado na literatura relacionado ao significado do cultivo das plantas. Caviana nos revelou que seus canteiros são um importante mediador entre a floresta e a casa, entre homens, mulheres e entre o domínio não-humano, concorrendo para criar e reforçar redes de reciprocidade.

Em Caviana, as mulheres se ocupam dos canteiros durante o ano todo e, como em outros lugares da Amazônia, cultivam uma grande variedade de plantas. Os locais de manejo das plantas variam, incluindo tanto áreas atualmente ocupadas como outras já sem utilização contínua. Dentre as áreas ocupadas, temos o entorno das casas (incluindo aqui o terreiro e o canteiro), as roças, os sítios e os caminhos. Já entre as abandonadas, contam-se antigas habitações ou roças, que podem ser mais ou menos recentes. Através de um levantamento arqueológico, constatei que os ribeirinhos usam muitos sítios arqueológicos do período pré-colonial e colonial, seja reocupando efetivamente o mesmo lugar, com os cemitérios e algumas habitações, seja como fonte de recursos – matéria-prima como argila, palha e madeira, ou alimentos como castanha, açaí, pupunha etc. Os sítios arqueológicos têm para as famílias ribeirinhas dois papéis principais: são espaços de moradia e, ao mesmo tempo, ilhas de recursos<sup>2</sup>.

Os dados da pesquisa mostram um intenso manejo ambiental dos ribeirinhos, mas, mais do que isso, revelam uma percepção e concepção muito particulares da paisagem. A ocupação de lugares previamente antropizados<sup>3</sup> não é desprovida de um novo processo de significação do local, que é novamente manejado em termos de seu conteúdo ecológico, mas também de sua capacidade de gerar novos afetos e significados. A forte ligação identitária que é estabelecida na relação entre o parentesco e a paisagem leva a um constante processo de memorialização desses espaços, instituindo-se um diálogo entre o presente e o passado. Pessoas e plantas estabelecem uma relação complexa de significação e pertencimento que tece sua memória ao mesmo tempo em que marca a paisagem.

### **Análise dos dados coletados**

O manejo das plantas pelas mulheres ribeirinhas se dá a partir de diferentes áreas de plantio, direta ou indiretamente ligadas à unidade doméstica. Em cada casa apenas uma mulher é responsável pelo plantio, sendo eventualmente

ajudada por uma nora ou filha. Ela possui um canteiro próximo a área edificada da casa e um terreiro, localizado em seu entorno. Os canteiros são pequenas plantações realizadas em canoas e tábuas suspensas próximas à cozinha. Já os terreiros consistem em extensas áreas em volta das casas, repleta de árvores frutíferas ou úteis como para o fornecimento de madeira para construção, tintas, antiplásticos, resinas, e matérias-primas para o uso cotidiano em geral. Além dessa esfera direta da casa, as mulheres possuem áreas para o plantio de espécies de ciclo curto, como as roças, e, por vezes, de sítios florestais com uma grande variedade de plantas perenes. As famílias utilizam ainda antigas zonas de plantio, aqui chamadas de ‘áreas abandonadas’, para a coleta de frutos e matéria-prima, assim como mudas e sementes. Estas são resultado de antigas moradias e roças ou sítios que deixaram de ser considerados como parte da casa atual, mas continuam sendo uma importante fonte de recursos.

O termo “casa” é entendido não apenas como uma edificação, mas inclui também o quintal (ou terreiro para usar o termo local) e o canteiro, assim como está relacionado com outras áreas de plantio geralmente mais distantes desse núcleo, como as roças e até alguns sítios. Cada casa usufrui e manipula todos esses espaços, além de outras áreas abandonadas (em geral antigas residências da família) e caminhos (chamados localmente de “estradas”). Pelo pouco tempo disponível não poderei discutir os dados coletados em detalhe, exemplificando-os brevemente através dos gráficos, os quais indicam a *presença* de cada espécie por área de plantio, e não o número absoluto de indivíduos de cada planta por área. Ou seja, cada espécie é contabilizada apenas uma vez, independentemente da quantidade que haja dela em cada local de plantio.

Sintetizei os usos das plantas em Caviana em quatro categorias gerais: alimento, remédio, ornamento e matéria-prima<sup>4</sup>. O Gráfico abaixo sobre os usos gerais das plantas, indica que 68% das plantas cultivadas são consideradas alimento, enquanto 19% são remédio e apenas 7% e 6%, ornamento e matéria-prima, respectivamente. Considerando a disparidade entre o tamanho das áreas (principalmente dos canteiros em relação aos terreiros e às roças), é importante avaliarmos a distribuição interna de cada uma dessas categorias. Enquanto os alimentos compõem 83% dos terreiros, 66% das roças e 54% das áreas abandonadas, representam apenas 32% nos canteiros – e cabe

lembrar que a categoria inclui plantas usadas no processamento de alimentos, como os temperos. Já os remédios representam 47% das plantas dos canteiros, 33% das roças, 14% das áreas abandonadas e apenas 6% dos terreiros. As matérias-primas estão concentradas nas áreas abandonadas (32%) e aparecem pouco nos terreiros (6%). Os ornamentos têm mais espaço nos canteiros (21%) e menos nos terreiros (5%).

Distinto da série de gráficos anteriores, estes últimos não tratam da riqueza de plantas em cada área de plantio e sim as *diferenças no uso de cada área*. A partir deles podemos concluir que:

- os *terreiros* são espaços predominantemente voltados para a alimentação, mas providos de um pequeno estoque de matéria-prima, ornamentos e remédios.

- as *roças* são áreas também voltadas para a alimentação, mas com uma provisão substancial de remédios.

- as *áreas abandonadas* são importantes fontes de alimentação e também a principal fonte de matéria-prima, além de possuir remédios.

- os *canteiros* são a principal fonte de remédios e ornamentos, mas também incluem uma pequena porcentagem de alimentos.

Temos, portanto que todas as áreas são multifuncionais, isto é, possuem uma gama variada de plantas capazes de suprir uma família com remédios, alimentos, matéria-prima e ornamentos. No entanto, apesar dessa diversidade podemos perceber uma tendência de uso maior em cada uma delas. De um modo geral, podemos dizer que os terreiros são os espaços dos alimentos (principalmente frutos de árvores perenes); as roças espaços de alimentos advindos de plantas de ciclo curto; áreas abandonadas seriam os locais para a busca de matérias-primas e os canteiros a fonte principal de remédios e ornamentos.

A análise da proveniência das plantas mencionadas se mostrou relevante ao percebermos como a informação da origem de cada muda era mantida na memória das mulheres entrevistadas. A análise das porcentagens de plantas com maior índice de desconhecimento nos indica o que é importante ser lembrado e o que pode ser esquecido. Esta análise nos ajuda a entender a valoração dada à trajetória da planta e se existe ou não significados associados à esses atos. Com isso, podemos inferir que apesar dos alimentos serem amplamente compartilhados entre pessoas, ele não é importante de ser recordado, pelo menos no que se refere à

pessoa que doou. Se associarmos esse dado à análise econômica, podemos propor que o compartilhamento de alimentos seja talvez um pressuposto para definir o que é família e, nos termos de Lima (2006), do “vizinhar”. Já os ornamentos e as plantas de remédio e matérias-primas apresentam um alto índice de memória. Isto é dizer que em geral as mulheres recordam sua origem e, devo acrescentar, sua história.

Para tornar os dados comparáveis, ao invés de utilizar os nomes das doadoras de plantas, classifiquei-as a partir do gênero e de seu pertencimento à família da “dona” da planta (ego), da família de seu marido, ou ainda à outras categorias, como a de vizinho, amigo, ou oriundas de benzedeadas locais ou ainda aquelas compradas na cidade.

Temos que a origem das matérias-primas não está relacionada a um presente de um parente ou um amigo e sim oriunda da “natureza” de um modo geral<sup>5</sup>. As mulheres retiravam essas mudas de áreas abandonadas ou já as encontravam nos novos terrenos. Assim elas não fazem parte de uma rede de reciprocidade atual, mas uma relação das mulheres com os espaços previamente manejados. Elas diferem daquelas desconhecidas, pois marcam plantas que são importantes para as mulheres como referencial de “lugares de gente”. São assim, plantas valorizadas por sua utilidade e que são procuradas em áreas anteriormente antropizadas e possuem um papel importante na escolha dos novos locais de habitação.

Dentre a proveniência das plantas de remédio, apenas 7% estavam relacionados a “natureza” contra um total de quase 70% de nomes de pessoas, conforme explicitado no gráfico abaixo. O que se lembra e o que se esquece sobre cada planta, nos indica que, diferente do restante das categorias de matéria-prima e alimentos, as plantas de remédio estão associadas à relações pessoais femininas. Para participar da troca de plantas de remédio é importante manter na memória quem a deu. Isso revela a importância na manutenção das trocas, pois a importância dessa informação está relacionada a necessidade de retorno da planta e/ou na participação de relações de cooperação. Para melhor compreendermos de que forma essa rede de trocas é mantida, vejamos os gráficos sobre os doadores.

Vimos, portanto, que as mulheres são as participantes mais ativas na transmissão nas redes de troca e que, mesmo entre os homens, a participação está relacionada à relação de parentesco com a mulher que planta (ego). A

relação das mulheres com as plantas e como essa prática do plantar está associada ao cuidar, uma lógica particularmente feminina relacionada à educação dos filhos e ao seu papel na manutenção da domesticidade. Agora, o que esses dados nos indicam é que além da sua relação com o plantio, também são as mulheres que atuam na circulação das plantas. Isto não é trivial, tendo em vista o papel geralmente atribuído aos homens no que tange à mobilidade. Trata-se, portanto de dois processos: a relação entre mulheres e plantas através do próprio plantar e uma vez estabelecidas em seus canteiros e terreiros, a troca dessas espécies com parentes, amigos e vizinhos.

Há, portanto, de um lado, o compartilhamento de alimentos, plantados majoritariamente em terreiros, e, de outro, uma rede de transmissão, em um primeiro momento e de troca, em um segundo, dos remédios, plantados majoritariamente nos canteiros. Além disso, a transmissão e a troca de remédios entre mulheres aparece como significativa para a dona de plantas, já que ela é mais lembrada do que a relação estabelecida entre homens e mulheres através da circulação de alimentos.

A análise dos dados coletados apresentados nos gráficos acima confirmou a relação prioritariamente feminina com as plantas. Mais do que isso, os dados indicaram as diferenças existentes entre as plantas, os seus locais de plantio e as pessoas envolvidas. O compartilhamento dos alimentos se mostrou mais diverso por incluir um maior número de tipos de plantas e por abarcar uma área mais ampla do que a circulação das plantas de remédio. Também nessa esfera percebemos a presença masculina e os doadores mais diversos, entre homens e mulheres. Tais informações aliadas à ausência de uma valoração da memória da doação, nos remetem a uma partilha da comida que ocorre entre parentes e é comum em toda a Amazônia ribeirinha. Ela difere em qualidade da troca existente entre os remédios. Com circulação menor e mais restrita às mulheres, sua troca parece ser mais valorizada e lembrada e não uma prerrogativa da família. Em outros trabalhos, apontei como o plantar faz parte de uma rede de ensino-aprendizagem passada de mãe para filha, ou entre irmãs no interior de seu contexto doméstico. Esta aprendizagem é internalizada enquanto a filha ajuda a mãe no cuidar de seu canteiro. Quando se casa e passa para o grupo doméstico do marido, a filha pode finalmente exercer seu conhecimento

sobre as plantas através da formação de seu canteiro. Neste momento temos o início da formação de seu canteiro, o qual as plantas são transmitidas em geral de mãe para filha, e entre irmãs, processo bastante documentado e registrado através das análises feitas neste trabalho, quando a mãe de ego assumiu maior destaque como provedora de plantas. Também neste momento, podemos ter a participação da sogra e até mesmo das cunhadas, que podem colaborar para a formação do novo canteiro da recém-chegada. Uma vez formado o canteiro, sua dona passa a poder integrar uma rede mais ampla e variada de reciprocidade feminina, esta pouco exemplificada quantitativamente, devido a sua larga escala temporal, contudo ainda visível através da presença das vizinhas, comadres, benzedeadas e amigas. Neste momento, já longe de sua família e inserida no grupo doméstico de seu marido, a troca atua no estreitamento dos laços com a nova família e também como forma de criação e expansão de uma rede de sociabilidade independente de sua mãe. Ela figura-se como uma rede de apoio mútuo e compartilhamento de um conhecimento especializado que a mulher consegue manter longe do suporte materno.

Em Caviana, o padrão de residência está centrado nas margens dos rios e igarapés ou em tesos não inundáveis e em várzeas sazonalmente alagadas. Como discuti em outros trabalhos, os homens detêm o conhecimento e o domínio do transporte fluvial (barcos médios a grandes), com exceção das canoas, chamadas localmente montaria, a que as mulheres têm acesso. O dito domínio masculino do transporte restringiria o acesso das mulheres não só ao contato externo, mas principalmente sua circulação no interior da ilha. A literatura sobre comunidades com padrões de residência virilocal reitera o rompimento das redes de sociabilidade da mulher com sua família depois do casamento, assim como a literatura sobre sistemas de troca normalmente estão voltadas para o universo masculino, sobretudo as trocas cerimoniais (Strathern 1988; Graeber 2001). Na Amazônia, este é claramente o caso do sistema do alto Rio Negro (Reichel-Dolmatoff 1996; Hugh-Jones 2001). Os dados de Caviana nos mostram que, por meio da rede de trocas de plantas entre as mulheres, elas mantêm a sociabilidade com seus parentes, mesmo em contexto virilocal. Mais do que isso, a troca ensejou a construção de uma rede de reciprocidade independente dos coletivos masculinos, estes últimos pautados em grupos de trabalho, comércio de

mercadorias com a cidade e política em geral.

### **Para concluir: do que nos falam as plantas?**

Retomando as reflexões mais gerais propostas no início desta apresentação, gostaria de ressaltar em primeiro lugar as formas diferenciais de uso e manejo das plantas por populações amazônicas. O estudo de caso apresentado foi baseado em uma população ribeirinha que não se reconhece atualmente como indígena, apesar de como argumentei em outros trabalhos o conhecimento da diversidade de plantas, seu manejo e significados sociais e cosmológicos parecem tecer certas permanências com as ontologias ameríndias amazônicas. No entanto, se expandirmos nossos olhares para os contextos etnográficos em comunidades indígenas da amazônia, especialmente aquelas relacionadas a calha de grandes cursos de água, vemos evidências muito semelhantes no que se refere principalmente a diversidade de áreas e de plantas utilizadas pelas populações em um mesmo momento. Outro aspecto compartilhado é o aspecto de contínuo manejo dos ambientes de entorno e certos ciclos de utilização dos espaços dentro do mesmo território. Alguns trabalhos etnográficos e botânicos tratam deste tema, no entanto suas conclusões apesar de contundentes sobre a forma de utilização do território, pouco mudaram nossas formas de compreensão dos sistemas de assentamento e de aspectos sócio-econômicos pré-coloniais. Em grande parte os sítios ainda são tomados de forma isolada. Precisamos adotar mais a ideia de sistema integrado de sítios e investir mais nas correlações possíveis entre as formas diferenciais de uso no mesmo sistema. A integração entre implantação, tecnologias específicas, formas de manejo da paisagem e evidências botânicas e faunísticas, podem contribuir para isto. Estas vem sendo realizadas com grande sucesso nas pesquisas, no entanto a integração de seus resultados para análise ainda é pouco evidente. Outro aspecto que gostaria de ressaltar oriundo do estudo de caso aqui apresentado é da importância de investirmos mais nos significados desta variabilidade de contextos, tanto em termos funcionais quanto simbólicos.

Ao longo de minha pesquisa em Caviana busquei entender primeiramente por que o manejo ambiental é uma prática importante para os ribeirinhos não apenas economicamente, mas também social e simbolicamente. Ele se torna um referencial cultural na medida em que revela

a longevidade do uso da terra. Temporalidade que se funde com o parentesco na formação de lugares que chamamos de significativos. É nisso que se fundamenta o conceito de “lugares de gente”, expressão nativa que traz consigo não apenas o reconhecimento do manejo antrópico de nichos da floresta, mas uma vinculação pessoal e afetiva com os lugares. Seu uso é a expressão maior do que Zedeño propõe como territorialidade, isto é, o sentimento de pertencimento e vínculo a um lugar; sentimento que fundamenta seu direito de uso e leva à disputas sobre seu acesso e usufruto. Este sentimento é a base da formação de territórios. Apesar da delimitação espacial restrita da área de pesquisa, focado em uma única comunidade, percebemos que a noção mais forte desse sentido de pertencimento, está, não em uma única comunidade, mas sim nas relações entre comunidades que compõem juntas um coletivo chamado de “filhos de Caviana”. Caviana é o território. Extrapolando os limites das comunidades e micro-regiões, é ao todo da ilha Caviana que o sentimento de pertencimento e a necessidade de permanência é mais forte. A grande mobilidade de seus moradores entre os campos, matas e igarapés se dá, assim, não como mudanças entre novas áreas, mas sim como formas de vivenciar partes integradas de um todo. Essa pesquisa nos leva, portanto a vislumbrar um aspecto do fenômeno da territorialidade, aquele viés mais íntimo, a relação entre uma pessoa e uma planta, que posteriormente se expande e complexifica nas redes de troca de plantas e resignificação social das paisagens. Ao longo dessa pesquisa percorri o trajeto dessa relação tentando compreendê-la tanto no que se refere ao seu componente temporal, quanto à rede de implicações na qual ela é socialmente reconhecida e compartilhada.

### **Referências bibliográficas**

- Graeber, David, 2001. *Toward an Anthropological Theory of Vale. The false coin of our own Dreams*. Palgrave Press.
- Hugh-Jones, Stephen, 2001. The Gender of some Amazonian Gifts: An Experiment with a an Experiment. T.Gregor & D. Tuzin (eds.), *Gender in Amazonia and Melanesia*, Berkeley: University of California Press: 245-278.
- Lima, Débora M. 2006. A economia doméstica em Mamirauá. *Sociedades Caboclos Amazônicas Modernidade e Invisibilidade*,



- por Rui Murrieta & Walter Neves  
Cristina Adams, São Paulo: Annablume:  
145-173.
- Machado, Juliana Salles 2012. *Lugares de gente: mulheres, plantas e redes de troca*. Tese de doutorado, PPGAS, Museu Nacional, UFRJ.
- Murrieta, Rui & Winklerprins, Antoinette, 2006. “Eu adoro flores!”: gênero, estética e experimentação agrícola em jardins e quintais de mulheres caboclas, Baixo Amazonas, Brasil. Adams, Cristina, Rui Murrieta & Walter Neves (Orgs.). *Sociedades Caboclas Amazônicas. Modernidade e Invisibilidade*. São Paulo, Annablume: FAPESP: 277-294.
- Murrieta, Rui & Winklerprins, Antoinette, 2003. Flowers of Water: Homegardens and Gender Roles in a Riverine Caboclo Community in the Lower Amazon, Brazil. *Anthrosource*, Vol.25, No.1.
- Posey, Darell, 2008. Indigenous Management of Tropical Forest Ecosystems: the case of the Kayapó Indians of the Brazilian Amazon. Dove, Michael e Carpenter, Carol (Orgs.). *Environmental Anthropology. A Historical Reader*. Oxford: Blackwell: 89-101.
- Posey, Darell, 1998. Diachronic Ecotones and Anthropogenic Landscapes in Amazonia: Contesting the Consciousness of Conservation. *Advances in Historical Ecology*. W. Balée. New York, Columbia University Press: 104-118.
- Reichel-Dolmatoff, Gerardo, 1996. *The Forest within. The world-view of the Tukano Amazonian Indians*. Themis Books.
- Strathern, M. 1988. *The Gender of the Gift. Problems with Women and Problems with Society in Melanesia*. Berkeley: Los Angeles: London: University of California Press.
- ocupação é reconhecida pela presença e/ou densidade de plantas consideradas úteis, atribuída à intervenção humana – foram lugar de alguém, sendo esse alguém reconhecido (como um parente) ou tendo uma ancestralidade genérica, como a designação de uma origem “dos índios”.
- <sup>4</sup> É importante observar que muitas plantas apresentavam mais de uma forma de utilização. Nestes casos, optei por contabilizar as plantas apenas uma vez, de acordo com sua função principal, isto é, aquelas mais utilizadas pelos ribeirinhos. No entanto, a diversidade de funções para cada planta pode ser encontrada na tabela em Machado 2012.
- <sup>5</sup> Os termos usados localmente para atribuir essa origem natural são “grelo da natureza”, “filho natural da terra” ou “vem da natureza mesmo”.

---

<sup>1</sup> Uso o termo domesticidade ao invés de domesticação para diferenciar este processo sociológico e cosmológico do *tornar doméstico* do sentido estritamente botânico do termo, em que há um processo de transformação genética da planta silvestre para a domesticada.

<sup>2</sup> Para uma discussão sobre as “ilhas de recursos” ver Posey 2008, 1998.

<sup>3</sup> Muitas áreas escolhidas pelos ribeirinhos para construir sua casa ou seu terreiro foram anteriormente ocupadas por humanos. Essa